

PRÁTICAS COLABORATIVAS DE ESCRITA EM UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM *ONLINE* DO SCHOLAR

Lara Nantes Antonio Filomeno Mantovani
Orientador: Prof. Dr. Petrilson Alan Pinheiro

Resumo: O projeto visa dar continuidade à pesquisa de iniciação científica desenvolvida por mim durante o PIBIC - Quota 2019/2020, com objetivo de analisar as *affordances* através de comentários dos alunos em uma ferramenta específica denominada *Update* do Scholar, uma plataforma digital de aprendizagem *online* para trocas de conhecimento social, que foi utilizada em uma disciplina de graduação na Universidade Estadual de Campinas em 2018 e 2019, sendo objeto desse estudo somente os dados de 2018. Essas *affordances* se constituem como uma agenda para repensar o processo de ensino-aprendizagem, que partem de sete princípios relacionados à ideia de *e-learning*: aprendizagem ubíqua, feedback recursivo, significado multimodal, construção de significado ativo, inteligência colaborativa, metacognição e aprendizagem diferenciada.

Palavras-chave: Práticas colaborativas de escrita; *e-learning*, graduação.

Objetivos

Objetivo geral:

Analisar como as *affordances* da plataforma de aprendizagem *online* Scholar possibilitam práticas colaborativas de escrita por meio de uma ferramenta específica de interação multimodal entre alunos de uma segunda disciplina de graduação da Unicamp em que ela foi usada.

Objetivos específicos

1. Estudar os princípios constituintes das *affordances* relacionadas ao conceito de *e-learning*;
2. Observar as interações dos alunos em uma segunda disciplina de graduação da Unicamp no Scholar, um ambiente de aprendizagem *online*;
3. Analisar como esses alunos se engajam em práticas colaborativas de escrita por meio da ferramenta específica de interação multimodal no Scholar, *Update*, uma aba destinada à postagens de sínteses críticas e com possibilidades de fazer comentários.

Introdução

Não há como negar que as tecnologias digitais transformaram as maneiras de pensar, agir, produzir e comunicar. Hoje, qualquer usuário que tenha acesso à internet e saiba como usá-la detém ferramentas para escrever um texto, produzir uma imagem, vídeo, áudio, ou ainda integrá-los todos em conjunto. Nesse sentido, pode-se dizer que os saberes até então legitimados somente através de grafemas em um passado não tão distante precisaram ser revistos com o advento e a acessibilidade da internet.

Sob essa perspectiva de produção, veiculação e consumo, foi preciso pensar em como discutir todo esse arcabouço de influências dentro também do campo escolar/acadêmico, já que o ensino grafocêntrico trabalhado já não era mais suficiente para abarcar todas essas mudanças contínuas. Assim, os primeiros estudos envolvendo uma ideia mais ampla desses novos letramentos, agora no plural, foram feitos pelos pesquisadores do The New London Group (1996), que, como resultado de diversas discussões, desenvolveram o termo "multiletramentos" partindo da visão de que o aluno está a todo momento inserido em práticas sociais diferentes.

Como as pesquisas estavam mais pautadas em aspectos textuais semióticos em decorrência das novas tecnologias de informação e comunicação, fez-se importante pensar empráticas pedagógicas que facilitassem a compreensão e os usos das TIC's pelos alunos, daí surgindo, então, a "pedagogia dos multiletramentos". Nessa nova ótica, segundo o *The New London Group*, dois pontos principais estavam envolvidos: as diversas e cada vez mais recorrentes formas de construção de significados devido às multiplicidades dos meios de comunicação; e a crescente diversidade linguística, social e cultural que vem progressivamente instaurando na sociedade.

A partir disso, e levando em consideração o fato de os estudantes estarem em constante contato com tais diversidades e de estarem a todo momento construindo significados, é extremamente necessário vir a considerar o aluno como um agente participante de múltiplas práticas sociais, e não um mero sujeito passivo de conhecimentos. Em outras palavras, deve-se presumir sua inserção em multiletramentos, os quais compreendem a capacitação pessoal, participação cívica e equidade social, mesmo que, em muitos casos, tenham caráter efêmero e fluído.

Uma vez concebendo o aluno como agente, é importante frisar as mudanças também ocorridas no meio digital, principalmente a consolidação da Web 2.0 (O'REILLY, 2005), pois novas ferramentas foram criadas e, com isso, maiores possibilidades de comunicação, uma vez que o usuário não apenas recebe e compartilha informações, mas também produz. Isso mostra mais uma característica dos letramentos contemporâneos (COPE, KALANTZIS & PINHEIRO, 2020): inovação, criatividade e *design* (COPE & KALANTZIS, 2011), possibilitando, por exemplo, práticas colaborativas de escrita (PINHEIRO, 2013) e novas maneiras de avaliá-la (COPE *et al.*, 2011), bem como novas plataformas de aprendizagem proporcionadas por essa nova era de tecnologias educacionais (COPE & KALANTZIS, 2013).

A partir disso, o interesse deste projeto é investigar particularmente em que medida as *affordances* (propiciamentos) de um ambiente de aprendizagem inovador *online* (Scholar)¹ possibilitam práticas colaborativas de escrita. Desenvolvido como uma plataforma de *e-learning*, na Universidade de Illinois, EUA, o Scholar conecta educação e meios digitais, pois trabalha as práticas colaborativas multimodais tanto na produção textual quanto em sua revisão. Assim, a plataforma promove trocas de conhecimento e experiências sociais, pois cada aprendiz não apenas pode se comunicar com outros por meio de diálogos, mas também, conforme apontam Cope e Kalantzis (2015), revisar e comentar os textos de seus pares.

Portanto, como o *Scholar* é um ambiente de *e-learning* que possibilita aprendizagem por meio de diferentes processos, é fundamental analisar como as *affordances* atuam nesses processos, que, segundo Cope e Kalantzis (2013), constituem-se em uma agenda plural para repensar as formas de ensino-aprendizagem. As *affordances* partem de sete princípios: 1) Aprendizagem ubíqua (*ubiquitous learning*), que possibilita a aprendizagem em qualquer lugar (local e global) e a qualquer instante; 2) *Feedback* recursivo (*recursive feedback*), que promove uma avaliação processual formativa; 3) Multimodalidade (*multimodal meaning*), que trabalha com a produção conjunta de significados (texto escrito, imagem, som etc.); 4) Construção de significado ativo (*active knowledge making*), que transforma o aluno em agente construtor de sentidos, ou seja, um *designer*; 5) Inteligência colaborativa (*collaborative intelligence*), que promove o trabalho interativo e colaborativo entre estudantes; 6) Metacognição (*metacognition*), o qual está relacionado ao automonitoramento e consciência da ação cognitiva; e 7) Aprendizagem diferenciada (*differentiated learning*),

¹ A plataforma Scholar está disponível em: <https://cgscholar.com/>

que proporciona condições para que os alunos aprendam de acordo com suas primordialidades e interesses².

Métodos

Em sua primeira fase, a pesquisa se deu por meio de um levantamento bibliográfico a respeito da temática do projeto. Em seguida, realizou-se uma pesquisa documental *online*, que envolveu observação, coleta e análise das interações por escrito entre os alunos de uma disciplina de graduação da Unicamp em um ambiente específico do Scholar no ano de 2018. Como a pesquisadora deste projeto foi aluna durante a ministração da disciplina, já fez parte de suas atribuições acompanhar todos os procedimentos relativos ao curso, incluindo a plataforma Scholar, que foi usada como ambiente de interação dos alunos durante as aulas.

Como parte das atividades da disciplina, os alunos deveriam postar no Scholar, sempre depois de cada aula, seus comentários sobre os seminários apresentados em sala de aula. Para isso, fizeram uso da ferramenta *Update*, que permite que os alunos interajam por meio de texto e façam comentários que se interconectam uns com os outros, formando, assim, um fluxo de interação contínuo e coletivo sobre os textos discutidos. Neste projeto, portanto, interessa investigar em que medida as *affordances* dessa ferramenta propiciam práticas colaborativas de escrita entre os alunos.

Desenvolvimento

Com a presença cada vez mais frequente das tecnologias digitais no meio social, os estudos sobre o uso social da leitura escrita também precisaram se intensificar. Foi em um manifesto de 1996 publicado pelo The New London Group (NLG) que o termo "multiletramentos" - e não apenas "letramento" ou "letramentos" - foi apresentado, uma vez que, segundo o NLG, foi preciso "reconhecer múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos, incluindo os de modo visual, auditivo, espacial, comportamental e gestual" (NLG, 1996, p. 64). Nesses novos espaços, então, os usuários, dependendo do seu grau de letramento, podem facilmente se deparar com (hiper)textos multimodais e hipermidiáticos, conferindo novas maneiras de construção de significados justamente por, diferentemente da linguagem oral e escrita, não haver narrativas circulares/repetitivas ou encadeamentos contínuos e sequenciais. Em outras palavras, há um afastamento da estrutura serial e hierárquica da formação de saberes, abrindo espaço para esses novos conhecimentos construídos a partir de novas relações entre temáticas, ambientes, indivíduos e tempos em contínua transformação.

O termo "multiletramentos" supracitado pode ser dividido, então, na concepção de Kalantzis, Cope & Pinheiro (2020), em dois pontos responsáveis pela construção de significados baseados no NLG (1996): a diversidade social e a multimodalidade. Enquanto o primeiro se pauta em uma noção de multi contextualidade, justamente por haver variações de aspectos culturais/sociais cada vez mais recorrentes no cotidiano, o segundo se firma na concepção de que as formas de construção de significados estão cada vez mais conectadas, pois há a integração de textos, vídeos, áudios, imagens etc.

Sob essa perspectiva de novas interrelações sociais, antes de avançar em uma mais aprofundada discussão sobre a importância nos multiletramentos, é necessário fazer um contraponto com a linguagem escrita e seu ensino no ambiente escolar, pois, em muitos casos, ela está tradicionalmente inserida no grafocentrismo e pautada na ideia de erros gramaticais, em que há uma mera correção textual sem reflexão, sendo um tanto problemático e engessado, além de excludente por desconsiderar a riqueza das variações

² No original, os princípios são: ubiquitous learning, recursive feedback, multimodal meaning, active knowledge making, collaborative intelligence, metacognition e differentiated learning (COPE & KALANTZIS, 2013).

linguísticas. Por esse motivo, não é possível pautar tal prática em apenas uma higienização textual no que diz respeito a uma “correção” de ortografia e gramática. É mais do que isso, porque ela não elimina simplesmente as questões gramaticais das salas de aula, uma vez que não há língua sem gramática.

É propriamente nessa ótica que a Análise Linguística (AL) pode ser frisada, a qual se pauta em uma prática de letramento baseada em uma reflexão explícita e sistemática a respeito da formação e funcionamento da linguagem, conforme aponta Mendonça em 2006; ou seja, ela está centralizada nos efeitos de sentido e não na norma padrão - justamente um dos objetivos do *Scholar*. Mais precisamente, nota-se, então, que a clássica afirmação “eu não sei português” deve ser combatida, já que o aluno, quando entra na escola, já sabe a língua, já sabe se comunicar, e afirmar que não se sabe a língua materna revela uma série de preconceitos e desconhecimentos, principalmente acerca do conceito de língua, aquisição linguística e sobre variação linguística. Por isso, por mais que a gramática seja mais estática, não se deve esquecer do constante movimento rico e arbitrário da língua e da linguagem.

Ademais, objetivando uma educação crítica e reflexiva, é preciso deixar de lado a mera classificação e identificação de pontos gramaticais do ensino tradicional da leitura e escrita. O ponto crucial é, portanto, conceber o aluno como autônomo do seu próprio caminho e, para contribuir com esse processo, são de extrema importância as práticas situadas de leitura e produção textual, sem desconsiderar uma série de conhecimentos - linguísticos ou não - que o aluno já carrega em seu bojo quando entra na escola.

É nessa concepção de um conhecimento prévio e internalizado que o processo de letramento deve ser repensado, de forma a provocar nos alunos uma comunicação para além da relação fonema-grafema, envolvendo, portanto, a valorização de multicontextos - papel social, identidades, assuntos etc. - e multimodos - gestual, áudio, visual, espacial, oral etc -, a fim de se afastar da impregnada ideia de que, para ser um bom aluno, é preciso se sair bem em todas as matérias e, mais do que isso, receber todos esses conhecimentos passivamente.

Uma atenção também deve ser dada em especial ao ensino e estudo da linguagem oral (neste caso, desenvolvida nos seminários a serem aludidos posteriormente), pois, embora a escrita ainda tenha um papel social muito valioso, a oralidade ainda é a principal forma de trocar informações e notícias. Nesse sentido, uma vez que ela é uma construção particular de certos grupos de pessoas, há de se considerar que, por mais que haja um conjunto de signos comuns que permitam a comunicação e aprendizados, ela é específica para cada sujeito, e isso não é diferente também no campo educacional, daí a necessidade de valorizar as subjetividades.

Além disso, vale ressaltar também que, muitas vezes, informações são transmitidas, ensinadas e verificadas por meio da linguagem oral; no entanto, em muitos momentos do tradicionalismo do ensino, são observadas longas narrativas feitas pela voz do professor - em geral, reconhecido como detentor de conhecimento -, oprimindo ainda mais o desenvolvimento da relação que Paulo Freire (1974) chamou de educando-educando - e não educador-educando -, pois o professor também está inserido nesse processo de contínua aprendizagem, mas como mediador. Assim, muito mais do que se basear em uma memorização, repetição e continuidade, a troca de conhecimentos por meio da linguagem oral também deve ser ativa, possibilitando novas reflexões e desenvolvimento de saberes, daí o surgimento de um método estudado por Freire (1996): a sala de aula invertida. Nessa concepção, inverte-se a lógica da organização da sala de aula, fazendo com que os discentes também sejam corresponsáveis pelo processo de aprendizagem e o professor seja um mediador do conhecimento capaz de estimular discussões, levantar dúvidas e explorar temáticas.

A ideia de pedagogia reflexiva também insere-se, contudo, nesse contexto. Vista como uma análise constantemente atenta acerca de ações tomadas pelos professores como uma forma de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, ela frisa a necessidade de o professor desenvolver práticas pedagógicas sempre atualizadas para que haja bons

resultados no fazer educativo. Em especial, a pedagogia dos letramentos, influenciada por tal vertente reflexiva, pauta-se nos pormenores do processo de conhecimento que, segundo Cope & Kalantzis (2005), são divididos em "experiential" ("experenciar o novo" e "experenciar o conhecido"), "conceitual" ("conceituar por nomeação" e "conceituar com teoria"), "analítico" ("analisar funcionalmente" e "analisar criticamente") e "aplicado" ("aplicando propriamente" e "aplicando criticamente"). Além disso, vale frisar que esses processos são frutos de algumas raízes históricas de abordagens, a saber: "didática" (envolvendo "conceitualizar nomeado" e "experenciar o novo"), "autêntica" ("experenciar o conhecido"), "funcional" ("analisar funcionalmente" e "aplicar adequadamente") e "crítica" ("analisar criticamente", "experenciar o conhecido" e "aplicar criativamente") (Kalantzis, Cope & Pinheiro (2020)).

Levando em consideração os conceitos supracitados, a plataforma *Scholar*, de fato, proporciona todos esses processos de conhecimentos aos seus usuários. Como consequência dos desenvolvimentos dos estudos sobre letramentos, em que grande parte dos alunos se encontram inseridos em novas práticas de leitura e escrita, sobretudo digitais, os processos "experenciando", "conceitualizando", "analisando" e "aplicando" dão lugar, pois, à "prática situada", "instrução explícita", "enquadramento crítico" e "prática transformada", respectivamente, de modo que fossem mais reconhecíveis e contextualizadas com esses novos espaços.

Sinteticamente, a definição de tais elementos podem ser vistos na tabela associativa abaixo:

Experenciando	Prática Situada	Imersão nas mais variadas práticas significativas em que os aprendizes promovem a valorização de suas identidades e experiências.
Conceitualizando	Instrução Explícita	Implica percepção consciente, analítica e sistemática. Além disso, envolve a introdução de metalinguagens explícitas com o objetivo de escrita e interpretação do <i>design</i> das mais variadas formas de significação.
Analisando	Enquadramento Crítico	Remete à desconstrução do conhecido, à interpretação do contexto social/cultural quanto aos <i>designs</i> específicos de significado. Nessa lógica, há a necessidade de retomar os conhecimentos/significados que os estudantes estão adquirindo e associá-los de maneira crítica às circunstâncias de produção
Aplicando	Prática Transformada	Refere-se à recontextualização através das maneiras inovadoras de significação que permitem ao aluno desenvolver a reflexão e aprendizado em condições mais heterogêneas (intertextualidade e hibridismo) e diversificadas.

Tabela 1: Relação entre os processos de conhecimento, termos propostos pelo *The New London Group* (1996), e suas definições.

Como o *Scholar* não apenas objetiva a formação de alunos/designers ativos de significados a partir desses elementos, mas também é um espaço moderno de aprendizagem

online, ele permite realizar uma série de atividades de produção multimodal e escrita, principalmente social, em rede. Além disso, há a possibilidade de revisar entre pares trabalhos em processo de construção, bem como promover debates através da escrita multimodal e colaborativa. Assim, o *Scholar* não apenas proporciona discussões a partir de espaços e ferramentas específicas de interação, mas também propicia (daí *affordances*, principal ponto deste trabalho) a produção de textos multimodais e avaliações formativas - um retorno/*feedback* quanto aprende, diferentemente da sumativa, feita depois de aprender com o objetivo de obter sinais desse aprendizado -, mostrando, mais uma vez, a capacidade de desenvolver um processo de aprendizagem crítico e reflexivo partindo do pressuposto da autonomia do alunado.

No entanto, antes de estudar com mais profundidade tais *affordances*, é preciso conceber a forma com que a plataforma foi trabalhada na disciplina LA104/A - Letramentos: Teoria e Prática ministrada pelo Prof. Dr. Petrilson Alan Pinheiro no ano de 2018, em que a autora desta Iniciação Científica foi aluna e usuária. Basicamente, foram desenvolvidos seminários dos textos da disciplina, que eram apresentados por duplas nas aulas presenciais. Em seguida, depois da aula e da discussão, cada dupla que apresentou o seminário deveria fazer uma síntese do texto e postar na aba *Updates* do *Scholar* para que os demais alunos fizessem comentários. Tais respostas deveriam levar em consideração também as dos outros colegas, e não apenas a postagem da dupla, para que uma linha de raciocínio pudesse ser construída. Ademais, como uma segunda avaliação, os alunos deveriam produzir uma análise crítica de um material didático de sua preferência, sendo que a primeira versão seria revisada por um par (um outro aluno) a fim de que este realizasse críticas construtivas. Assim, como a plataforma dá ao professor e aos alunos recursos de avaliação de dados quantitativos, a análise de materiais didáticos se tornava mais facilitada justamente por envolver mecanismos de interação e colaboração.



(Figuras 1, 2 e 3: *Print Screen* da aba *Updates*. Na imagem, observa-se a publicação do texto de Lara Mantovani, autora deste projeto de pesquisa)

Quanto aos processos de conhecimento, nota-se que a construção de significado é constantemente ativa e transformadora, principalmente em um meio social tão permeado por mudanças e diversidades. Assim, ao passo que o estudante se depara com a “experimentação do novo”, ele é inserido em diferentes situações comunicativas e condições receptivas de ideias e informações - talvez- nunca antes vistas. Nesse sentido, quando se trata dos novos letramentos (LANKSHEAR & KNOBEL, 2007; 2008), o aluno lidará com

a leitura de textos escritos, escuta de textos falados/sons, análise de gesticulações e representações imagéticas (estáticas e em movimento).

Contudo, os novos significados antes desconhecidos pelos alunos só poderão ser, de fato, aprendidos, se fizerem parte de um espaço compreendido como inteligível e seguro, próximo o suficiente dos contextos vividos pelos alunos ao longo de suas vidas. Essa condição foi chamada de "Zona de Desenvolvimento Proximal" (ZPD) por Vygotsky (1987) [2006], já que são funcionalidades em estado embrionário e com potencialidade de maturação; porém, em razão das novas tecnologias, mídias e *designs*, Nogueira (2018) sugere o termo Zona Proximal de Desenvolvimento Multidirecional (ZPDM), posto que há uma maior troca de experiências entre alunos e professores no espaço digital, não se restringindo apenas às poucas horas de aula em uma sala que segue o modelo tradicional de ensino - isto é, o professor ocupando a posição de detentor de conhecimento enquanto alunos são meros reprodutores passivos de conhecimentos adquiridos.

É exatamente contra essa concepção passiva e a favor da pedagogia autônoma que as sete *affordances* do *Scholar*, ou propiciamentos, segundo Cope e Kalantzis (2013), foram desenvolvidos: a aprendizagem ubíqua (*ubiquitous learning*), feedback recursivo (*recursive feedback*), significado multimodal (*multimodal meaning*), construção de significado ativo (*active knowledge making*), inteligência colaborativa (*collaborative intelligence*), metacognição (*metacognition*) e aprendizagem diferenciada (*differentiated learning*), que serão desenvolvidos individualmente a seguir com exemplos imagéticos de cada *affordance*:

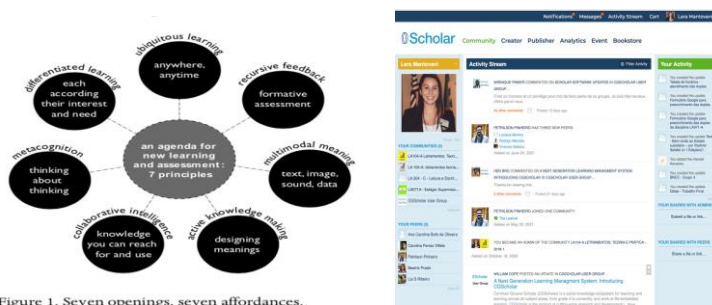


Figure 1. Seven openings, seven affordances.

(Figura 4: COPE & Kalantzis, 2013, p. 333) (Figura 5: *Print Screen* da página inicial do Scholar)

- 1) Aprendizagem Ubíqua (*ubiquitous learning*): Em qualquer lugar e em qualquer tempo em que se tenha acesso à rede e a dispositivos de interconexão, o *Scholar* consegue ser acessado. Mais do que isso, a possibilidade de fazer comentários nos trabalhos dos colegas proporciona, de fato, novas interrelações, pois não há mais o limite de duração da aula presencial para participar das discussões. Assim, novos saberes são desenvolvidos a partir da consideração do que foi aprendido na sala de aula física e do que foi expressado por colegas no ambiente virtual, tudo isso sem, muitas vezes, um grande deslocamento de trajetória. No exemplo abaixo, que representa a *affordance* em discussão, nota-se a possibilidade de aprendizado existe não apenas na sala de aula, mas também no espaço digital.

A partir da leitura das imagens, verificam-se comentários de alunos em que eles ressaltam a importância da discussão e leitura do texto em questão em aulas presenciais. Ainda, A partir da leitura das imagens, verificam-se comentários de alunos em que eles

A partir da análise do texto de Magda Soares em conjunto com a discussão feita em sala de aula, a autora, ao propor a reinvenção da alfabetização, traz como pontos principais a necessidade do reconhecimento da especificidade da alfabetização e leitura e escrita associadas ao contexto de alfabetização e letramento. Neste contexto, tornam-se claras as principais divergências entre letramento e alfabetização, além de trazer as consequências de alfabetizar letrando. Outro ponto levantado em debate foi a questão do suposto fracasso de escolas públicas ter sido em razão da desinvenção da alfabetização em que a própria autora designa como progressiva perda de especificidade do processo de alfabetização e que as consequências trouxeram o impacto negativo na qualidade, estrutura e no prestígio de bons professores. Por este viés, não se pode ser levado em consideração apenas tal ponto, visto que um dos principais tópicos da instabilidade - e não fracasso - escolar é a qualidade do ensino aliado à desestrutura familiar, muito maior em famílias com um baixo nível socioeconômico, além de problemas emocionais e pedagógicos. Para um melhor desempenho na escola, acredita-se que deve começar desde a alimentação saudável até o equilíbrio emocional.

Para mim, o debate foi muito interessante e teve um conteúdo rico. Assim, o foco deixa de estar apenas no texto para estar também no sujeito que aprende, ou seja, nós, alunos, que passamos a questionar problemas que vamos passar futuramente. Magda Soares tem um objetivo válido, enquanto a razão deixa a desejar.

O texto de Soares nos trouxe uma reflexão bastante significativa para a construção da ideia de alfabetização vs. letramento, esclarecendo e apontando os pontos de convergência e divergência dos dois conceitos e mostrando a indissociabilidade das duas práticas. O processo de alfabetização é eficaz a partir do momento em que o sujeito que se submete a ele consegue aplicar os saberes adquiridos - ler e escrever - no contexto em que se insere, ou seja, saber o código alfabético e as regras de escrita não é, por si só, suficiente. A prática do letramento está, portanto, nessa aplicabilidade dos conhecimentos alfabéticos.

Os colegas trouxeram, na discussão em sala, um ponto muito relevante do texto: a autora coloca, como mencionado no texto acima, o modo como se dá o processo de alfabetização no Brasil como responsável pelo fracasso do sistema educacional. Ora, é necessário ter cuidado quando restringimos uma questão com efeitos tão amplos a uma única causa. É fato que a educação no Brasil tem uma defasagem muito grande, que é resultado de diversos fatores mencionados no texto acima e não somente uma implicação do modo que se dá a alfabetização no país.

Essa leitura foi bastante proveitosa e fomentadora, pois deixou claros os conceitos de alfabetização e letramento, possibilitando uma compreensão mais eficaz do nosso papel enquanto futuros formadores.

O texto de Signorini condensou uma discussão levantada em aula ao longo das apresentações dos textos: o abismo entre inovações discursivas no letramento escolar do meio acadêmico e a prática destas em ambientes escolares. Percebemos, então, como é difícil aplicar estudos que consideram a escola um ambiente homogêneo e os alunos passivos nas relações complexas que permeiam o ambiente escolar - e aqui podemos destacar a importância do estudo etnográfico, levantado em textos anteriores, uma maneira de tentar resolver essa questão mas que não têm espaço nos meios institucionalizantes em comparação com métodos universais, mais econômicos e práticos. Por conta disso, restam mais dúvidas do que respostas: é realmente viável institucionalizar práticas de letramento? Como o professor pode lidar com as individualidades de cada ambiente e de cada aluno frente a essas práticas? Como o meio acadêmico pode ter mais contato com ambientes reais?

Figuras 6, 7 e 8: Exemplos de comentários - *affordance* "aprendizagem ubíqua"

ressaltam a importância da discussão e leitura do texto em questão em aulas presenciais. Ainda, é interessante observar as relações atemporais estabelecidas entre o ambiente físico e o digital, o que possibilitam ao aluno construir uma maior rede de significados a partir da interação como(s) colega(s).)

- 2) **Feedback Recursivo (*recursive feedback*):** É possível avaliar os alunos de várias maneiras, mas, segundo Cope & Kalantzis (2013), a avaliação formativa faz toda a diferença. Nessa lógica, os alunos recebem retornos, isto é, *feedbacks* sobre seu aprendizado concomitantemente com o que está aprendendo. Assim, não apenas uma noção retrospectiva seria importante, na qual se faz uma avaliação após o período de proposto de aprendizagem, mas sim uma noção prospectiva, em que a "avaliação é integrada com e para a aprendizagem, para os alunos" (Kalantzis, Cope & Pinheiro, 2020, p. 374), de forma a aprender e explorar mais o desenvolvimento de saberes. Além disso, receber um retorno revela uma perspectiva construtiva, em que se espera aprimorar o conhecido ou concluir uma atividade). Tal *affordance* se faz, pois, importante justamente por possibilitar maior interação entre alunos-alunos e professores-alunos, possibilitando um ensino dotado de maior equidade, heterarquia e diversidade, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

Lendo as imagens, comentários de alunos dando comentado por outro

Concordo com vocês duas, todo o tempo que em que estava lendo o texto eu me senti como uma aluna de ensino médio lendo um texto do livro didático, e não sei até que ponto isso é bom ou ruim na perspectiva de um professor, por outro lado, o livro traz conceitos importantíssimos para o dia-a-dia e propostas de atividades bem legais. Acho interessante ressaltar que gostaria de ter passado por uma experiência escolar como o exemplo do carro e seus ocupantes se ajudando para chegar ao destino (pagina 23-24), mas, infelizmente, minha realidade de aprendizagem foi, em sua grande maioria, como na pagina 31: Para Reflexão - Algumas atividades muito comuns na escola e que em geral ocorrem de maneira descontextualizada [...] são a cópia, exercícios de completar frases, exercícios para buscar e sublinhar palavras com dígrafos, ditados, e atividades de perguntas e respostas.

Lendo as imagens, comentários de alunos notam-se exemplos de *feedbacks* do que foi estudante e/ou

discutido em sala. É interessante observar também como os alunos conseguem refletir a partir do comentário do outro e do próprio texto que está sendo trabalhado, conseguindo, assim, novos saberes.

A discussão realizada nessa aula foi a mais interessante, para mim, pois tratou de assuntos que me interessam muito (panóptico, sinóptico e o novo conceito, não conhecido até então, multisinóptico). Ao pensar na atualidade, era do multisinóptico, atrelando-a com os contextos de sala de aula, vê-se que, mesmo que problemático por um lado (devido às fake news e outras coisas), isso propicia a criação de novos tipos de Letramentos, o que se mostra enriquecedor para mim. Esses novos tipos demandam mudanças nos professores, nos alunos e nos próprios parâmetros curriculares das escolas, pois o professor precisa estar cada vez mais atualizado e pronto para discutir em sala de aula os problemas de muitos vigiarem muitos, as fake news, as exposições que a internet nos sujeita; os alunos precisam entender que o ensino da produção de conhecimento no mundo digital é fundamental (hája visto que existem muitas complexidades); e, por fim, para que a mudança nos professores e nos alunos seja válida, as escolas precisam colocar em seus currículos a produção de conhecimento no mundo digital, considerando-a como objeto de ensino, e precisam também permitir que os alunos tenham acesso à internet, senão o ensino fica desconexo (o que, para mim, constitui certa utopia). Com isso, abrange-se a formação crítica do aluno, pois ele não se limita a analisar somente aspectos não virtuais, além de aproximá-lo do ensino, pois a internet e seus efeitos são muito recorrentes entre os alunos (mesmo aqueles que não possuem acesso à internet, há um certo contato com os efeitos dela -em sua maioria-).

- 3) Significado multimodal (*multimodal meaning*): Em muitos momentos, modos divergentes possuem a capacidade de ter o mesmo referente; no entanto, o poder de tal representação e comunicação tende a ser particular de cada modo de expressão da linguagem. Ora, é possível, então, produzir um vídeo a partir de um texto com o objetivo de transmitir a mesma mensagem, mas o que está em jogo é, pois, a possibilidade da diferença nesses modos de comunicação ser tão acentuada que os significados obtidos não possam ser considerados os mesmos. Por isso, o significado multimodal integra a mistura de modalidades de comunicação para construir um sentido, proporcionando uma maior reunião de informações e concepção daquilo que está sendo enunciado pelo locutor. Como consequência, há a ampliação da necessidade do desenvolvimento interpretativo, que deve ser feito através da metalinguagem, em que os alunos descrevam o *design* visual com o qual se deparam e, assim, construam significados. Um ponto importante a ser considerado é que a plataforma em análise não permite, até o momento, na aba de comentários, a inserção de imagens, vídeos e outras modalidades, mas apenas o texto escrito. Por isso, os comentários exemplificados abaixo possuem *links* que direcionam aos outros modos de comunicação, podendo ser escritos, visuais, espaciais, tácteis, gestuais, auditivos ou orais.

Figuras 12, 13 e 14: Exemplos de comentários - *affordance* "significado multimodal"

Assim, ao observar-se os exemplos de comentários de alunos, ressalta-se a utilização de links a fim de compor suas reflexões escritas sobre o texto, possibilitando uma maior estruturação das informações e, conseqüentemente, compreensão de ideias.

- 4) Construção de Significado Ativo (*active knowledge making*): Construir ativamente é exercer a função de agência, principalmente no mundo e com o mundo. É sob tal perspectiva que essa *affordance* está inserida, uma vez que, em razão de um mundo cada vez mais diversificado culturalmente e extremamente interconectado/globalizado, é necessário que os sujeitos sejam capazes de navegar pelos multicontextos de uso da língua de forma autônoma.

Assim, para inovar as relações mundanas com novas ações e modos de compreensão, frisa-se a importância do professor, na perspectiva de Vygotsky da existência de uma Zona de Desenvolvimento Proximal, "oferecer" sua consciência de forma que os estudantes realizem tarefas que antes não eram capazes de fazer sozinhos, sem, todavia, desconsiderar os próprios símbolos que os permeiam. No entanto, com o desenvolvimento da multimodalidade e da sociedade por meio da mídia, o conceito precisou ser ampliado, conforme Nogueira (2018) apontou na discussão supracitada, para Zona Proximal de Desenvolvimento Multidirecional (ZPDM). Nessa perspectiva, todos são aprendizes e, uma vez que são reconhecidos como produtores de conteúdo e novos saberes, revelam um maior desempenho da criatividade e da análise crítica tão defendido por Cope & Kalantzis (2013), como pode ser visto a seguir:

Achei muito bem feito o seu update Vitor e também a apresentação da dupla na quinta, meus parabéns.

É interessante ver como as disciplinas nesse semestre acabam se interagindo. A questão do analfabetismo me lembra as primeiras aulas da disciplina de Introdução as Ciências da Linguagem, quando discutimos sobre a caracterização do analfabeto como um sujeito falante, quando vimos definições no dicionário que sobre esse diziam: aquele não sabe NEM ler e escrever; o que se relaciona com a questão da autopercepção abordada no texto do seu seminário, pois, na importância que é dada para a escolarização, quem não teve acesso a esse bem cultural, normalmente, tem uma alienação sobre suas próprias capacidades, como o texto de Vívio e Oliveira revela.

É também é até curioso discutirmos esses casos excepcionais na relação entre escolarização e analfabetismo, justamente na semana em que temos para outra disciplina o livro Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. A escritora pode ser considerada como mais um caso excepcional, e tenho a impressão de que não fosse alienada sobre suas potencialidades, mesmo tendo uma vida de tantas dificuldades. Deixo abaixo o link de uma entrevista com a filha dela, que seguindo os sonhos que a mãe tinha para ela, se tornou professora de português.

<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAF6E>

Em seu texto, Magda Soares - como já foi comentado anteriormente- explicita a diferença entre as práticas de letramento e alfabetização. Contudo, de acordo com os questionamentos levantados em sala, essa diferenciação é feita a partir de um recorte factual questionável. A análise histórica comparativa, relacionando também o Brasil com outros países (idealmente todos como desenvolvidos), apesar de muito interessante, se perde em uma viajo distante da realidade. Isso se demonstra, primeiramente, pelo desapego ao contexto socio cultural dos países analisados. Deste modo, temos falha do sistema educacional brasileiro absolutamente dissociada de tantos outros fatores (já mencionados pela Júlia, em seu post) e, por outro lado, também são ignorados os problemas e disparidades das escolas do primeiro mundo. Apesar das condições de ensino serem, de fato, melhores em países como a França (parâmetro usado por Soares) é importante ressaltar que dentro deles também há falhas e desigualdades. Por exemplo, o filme entre os muros da escola retrata uma escola da periferia francesa; no trecho assguir (<https://www.youtube.com/watch?v=vhqJ3ITi-pC>) é possível notar que, nessa escola, existem problemas tanto estruturais quanto do método em si - os questionamentos levantados pelos alunos demonstram a desconexão entre o objeto de estudo e o cotidiano. Por fim, acredito ser relevante a reflexão: sobre até que ponto é válido nos valer de modelos europeus utópicos para desenvolver a educação no Brasil?

O conceito de Novo Letramento foi muito importante para mim porque pude entender melhor como devem acontecer as práticas de Letramento na escola. Esse texto acabou complementando o de Signorini, que fala sobre inovações, e ambos me ajudaram a entender melhor como deve ser um ensino transformado(r).

Pensar no Novo Letramento como uma mobilização de novas técnicas e de novos valores é necessário, porque o que se observa, muitas vezes, em sala de aula é a adesão apenas à novidade material. Precisamos de novas maneiras de lidar com o conhecimento, e por isso o Letramento crítico me chamou a atenção. A ideia de instigar os alunos a questionar quais são as forças ideológicas envolvidas nos espaços em que estão inseridos não só é incrível, como necessária. Concordo com o que o Fabrício falou acima, mas eu diria que letar criticamente não só PODE contribuir para o desenvolvimento pessoal, como DEVE fazer isso.

Pensando nessa discussão me lembrei de um vídeo ilustrado bem curto que mostra a evolução das tecnologias na Educação, e o que achei interessante foi um comentário sobre o vídeo que dizia: Realmente o título é correto, Evolução da Tecnologia na Educação... Já a evolução do professor.... Vale refletir. Que não sejamos professores que só aderem às novidades materiais, mas sim que mobilizam novos valores e técnicas para práticas transformadoras.

Segue o link do vídeo citado: <https://www.youtube.com/watch?v=tcLLTsP3wIo>

O texto de Brian Street discutido em sala de aula me proporcionou estabelecer paralelos com um artigo trabalhado com nossa turma na disciplina "NL 127- Introdução às Ciências da Linguagem" oferecida professora Suzy Lagazzi, chamado "O dicionário e o processo de identificação do sujeito analfabeto" e escrito por Mariza Vieira da Silva, ele discorre sobre como no discurso do próprio dicionário é nítida a ideia do analfabeto como um ser falante, um papel em branco, a autora afirma: "Ao me tornar alfabetizado devo aprender o alfabeto como também mudar o caráter preenchendo a falta e eliminando, erradicando o analfabetismo." (SILVA, M.V. 2016, p.156). Em seu texto apresentado no Colóquio Internacional sobre Cultura Escrita e Letramento, Street mostra justamente como esta concepção está presente na mentalidade de muitas pessoas, como seus amigos da universidade ou até mesmo em organizações como a Unesco que reforçam a ideia de que o desenvolvimento de uma sociedade depende do nível de alfabetização das pessoas. O que não se percebe é que em muitas destas situações sociais estas pessoas estão engajadas em algum tipo de letramento. Através da etnografia e suas experiências Street nos mostra como em uma vila do Irã considerada como um lugar de "vasos vazios" existem diversas práticas de letramento e que elas variam, não sendo muitas vezes o tipo de letramento tradicional que se espera encontrar. O autor também dá ênfase ao método ideológico de letramento que propõe justamente que o ensino e a alfabetização sejam feitas de maneiras contextualizadas, não de modo autônomo como muitos dos programas de alfabetização propõe, deixando claro que o uso da etnografia pode beneficiar em muito a educação, ainda que seus resultados sejam observados mais lentamente.

Pensando no texto de Magda Soares, agora em retrospecto após a leitura e a apresentação do texto de Brian Street (Os novos estudos sobre o letramento), uma reflexão interessante me ocorreu: a avaliação de alfabetização feita como a escrita de um bilhete simples comentada pela autora do primeiro artigo parece, à luz do segundo artigo, emparelhar-se com uma prática de letramento e não apenas de alfabetização, como são as práticas no Irã de marcar os nomes nas caixas, de se escrever e aceitar a validade de recibos ou a escrita em paredes e o significado que elas carregam para a população.

Será que a avaliação do censo, como a mídia, o Censo acabava por acertar em sua análise da alfabetização que existia um conceito diferenciado (o de letramento), mesmo que não conseguisse nomeá-lo ou que o fizesse por caminhos tortos?

Figuras 15 e 16: Exemplos de comentários - *affordance* "construção de significado ativo"

A partir da leitura das imagens, notam-se exemplos de comentários de alunos em que, a partir da leitura do texto, faz conexões com outros textos e áreas das ciências da linguagem. É interessante notar a forma como o professor estimulou a escrita através da solicitação do feitos comentários e, por conseguinte, os próprios alunos foram se estimulando entre si no desenvolvimento de novas reflexões)

- 5) *Inteligência colaborativa (collaborative intelligence)*: Colaborar significa trabalhar em conjunto. Consequentemente, quando há tal interação, associam-se saberes e/ou desenvolvem novos conhecimentos. Nesse sentido, a inteligência colaborativa pode ser classificada como uma das mais - senão a mais - importantes *affordances*, justamente por quebrar hierarquias socialmente construídas nos ambientes da sala aula, principalmente físico, em que o professor é visto como o detentor de conhecimento. Mais do que isso, esse propiciamento também é importante de ser analisado por promover focos nas diferentes perspectivas e culturas que compõem a sociedade. Assim, por mais que o professor da disciplina em análise não fizesse comentários nos *Updates*, ele estava constantemente analisando as trocas de saberes entre os alunos, que, por sua vez, poderiam sentir-se mais livres para expressar suas ideias e opiniões, como pode ser analisado a seguir:

As discussões acerca de avaliações como o SAEB são sempre muito produtivas e importantes para nossa formação. O texto de Gomes nos permite discutir, além do modelo de avaliação tradicional, o conteúdo abordado. O conceito de reflexão sobre a ação que foi colocado na discussão em sala e foi lembrado pela Alice no texto acima é, ao meu ver, fundamental quando se pensa uma avaliação de qualquer tipo. Assim como discutimos práticas de ensino e aprendizagem que sejam situadas a partir da realidade dos alunos, é necessário que as avaliações de qualquer âmbito sigam essa mesma linha. Os métodos de avaliação devem, sobretudo, apresentar uma utilidade que não seja a de uma mera reprodução de conceitos (quando o aluno decora a matéria, despeja na prova e esquece em seguida), mas que sirva para a apreensão efetiva do conteúdo discutido (pensando o ensino de maneira contextualizada).

Após a leitura do texto "A TRANSMISSÃO FAMILIAR DA LETURA E DA ESCRITA: UM ESTUDO DE CASO" de Patrícia Cappucco Resende, e da discussão feita em sala de aula, pode-se dizer que, mesmo sendo um estudo de caso, logo, não gerir, conseguem-se estabelecer relações com outros casos, haja visto que é um estudo qualitativo e que os diversos relatos em sala de aula dos alunos, que se envolveram no texto (inclusive nisso) confirmam isso. Esse texto pode ser muito bem relacionado com o texto "O valor da leitura dos contos infantis na hora de dormir: habilidades narrativas no lar e na escola, de Shirley Brice Heath, uma vez que aquele mostra a aplicação e os resultados deste. Enquanto este aborda como os contos pré-escolares, a família, a religião, o meio e as questões econômicas influenciam no aprendizado e na permanência da criança na escola, exemplificando isso com três comunidades do sudeste dos Estados Unidos: Maitown, Rosaville e Traktion; aquele mostra essa teoria aplicada na prática, uma vez que, por exemplo, Ana e Luisa sentiam um certo carinho pela leitura e pela escrita devido à ascensão da tia com o uso dessas; devido às cartilhas trocadas com os pais; devido aos livros ganhados de presente quando crianças e etc. Com isso, o texto nos revela que há dois pontos fundamentais para inserir a criança na escrita: o que eu acho questionável, pois o que seria inserir alguém na escrita? E que seria a escrita? Parece-me que é adotado como existente somente um tipo de escrita, como se pudéssemos simplesmente nos apoderar dela ou não. Mas isso é uma opinião bem pessoal: a família e a escola. Há também a religião e as questões econômicas, porém essas não são as mais enfatizadas pelo texto.

Ana Beatriz, suas perguntas são muito boas kk, eu não havia reparado nesse ponto durante a leitura do texto ou a discussão pré-aula com minha colega de apresentação, a Michela. Achei rico seu comentário, também vi diversas relações com o texto apresentado por você e pela Lais, desde as historinhas na hora de dormir, até questões como a família estar em ascensão social. Só re-dizendo o que você disse, há no texto fatores como a religião e as questões econômicas, mas não são explorados, por outro lado, se aquela aula não tivesse passado tão rápido (pelo menos para mim), provavelmente discutiríamos essas fatores de uma forma muito mais minuciosa. Enfim, esse texto tem muito pano pra manga kk

Figuras 17, 18 e 19: Exemplos de

colaborativa

comentários - *affordance* "inteligência"

Nesses três exemplos de comentários de três alunos diferentes, evidencia-se o fato de que o primeiro retoma outro comentário de forma a contribuir com mais reflexões. No segundo e terceiro exemplos, após o segundo aluno trazer reflexões, o terceiro tenta desenvolver a discussão e reformular com suas próprias palavras o que já dissera o segundo estudante.

- 6) **Metacognição (*metacognition*):** A metacognição engloba a reflexão sobre o próprio pensamento. À medida que o sujeito consegue refletir sobre o próprio conhecimento e as suas estruturas de pensamento, há uma maior consciência não apenas das temáticas aprendidas, mas também das suas causas e formas. No *Scholar*, a metacognição pode ser observada quando os alunos tecem comentários sobre seus processos de aprendizagem particulares, além de discutirem perspectivas enraizadas sócio-historicamente e que precisam ser desconstruídas. A título de exemplo, os comentários a seguir podem ser citados:

Figuras 20, 21 e 22:

Lendo os

lendo trata do estigma presente na academia com formas de escrita tidas como não legítimas perante o ideal social, desconsiderando as condições de produção envidadas, e que há os híbridos/mixagens como a internet, que é considerada uma variação linguística pela academia, mas que ao mesmo tempo classifica outros híbridos como uma cópia imperfeita de um certo modelo pré-imposto, em que o autor não é capaz de se adequar a esse modelo devido à falta de recursos linguísticos e sociais. A escrita sempre foi tratada como o ápice do conhecimento linguístico e a fala apenas como um modo de avaliação para a escrita, colocando a fala como informal e a escrita como formal. Isso traz conceitos excludentes no meio social para aqueles que não conseguem transpor a fala e adequá-la na escrita normativa. Um exemplo disso é a importância que a maioria dos professores dá para esses erros de ortografia e de gênero textual, baseando notas à partir dessas prerrogativas. Como discutido em sala, o acadêmico apenas legitima e reforça a hierarquização do corretor/analista como superior. Desde pequenos, somos treinados a olhar somente para os erros de ortografia e a obedecer a norma culta em textos escolares, quando, na verdade, deveríamos procurar entender o motivo pelo qual isso ocorre e como avaliar de acordo com as condições do meio em que o aluno está inserido. Isso torna o aprendizado mais coerente à uma visão crítica, reconhecendo as diferenças sociais baseadas em relações de poder e respeitando a individualidade de cada aluno.

A discussão do texto em sala trouxe o mito de letramento mais conhecido: a escola como oportunidade de ascensão social. Isso me fez questionar em como a difusão disso é constante para todo mundo, pois isso sempre foi muito transmitido para mim pela minha família. Mas tornar isso seria possível com a educação pública que é tão precarizada, e se o acesso para a universidade é tão difícil e elitizado? Simples, não é. Os poucos casos que existem são pequenas exceções à regra. Nosso sistema educacional limita as oportunidades de uma formação educacional de qualidade para os mais pobres, fechando as portas para todas as outras oportunidades que descenderiam dessa boa formação. Isso abre discussão para meios de desfazer essas desigualdades, como as cotas sociais e raciais, que entraram em vigor recentemente em muitas universidades públicas, na tentativa de proporcionar uma formação de qualidade para quem precisa.

diferentes refletem sobre os processos de aprendizagem desconstrução de aspectos cristalizados no meio social, que é muito pertinente no

Exemplos de

constata-se que os três

Gostei muito deste texto e destaco aqui a urgência de se levantar este tema (os avanços tecnológicos e os multiletramentos) e seus impactos na sociedade e em especial na escola. Ainda há muito a se pensar sobre isso: a internet e seus recursos e inovações (redes sociais, por exemplo) se integram à nossa realidade sem que sequer percebamos, então como trazer tudo isso para dentro da sala de aula? Essa questão levanta tantas outras que é difícil até mesmo pontuá-las - tentarei levantar algumas delas. O tradicionalismo metodológico presente na educação brasileira não apenas impede a inserção de multiletramentos nas escolas como também tornam as aulas desinteressantes para alunos que estão diante de tantas informações e possibilidades dentro da internet, prejudicando ainda mais a efetivação do aprendizado (e vale dizer: que aprendizado?). Além disso, como trazer questões referentes a este mundo globalizado para alunos que sequer possuem recursos básicos em suas escolas, se mesmo assim a sociedade e o mercado de trabalho lhes cobrarão tais questões no futuro? Diante destas situações, é clara a fragmentação da educação brasileira e como seus métodos e objetos de estudo estão descolados da realidade dos alunos, seja ela qual for. É necessário repensá-la, e logo.

- 7) **Aprendizagem diferenciada (*differentiated learning*):** Em razão da plataforma em questão permitir não apenas a construção de significados, mas também a participação do aluno, ela possibilita a noção de agência social para transformação do mundo a partir das habilidades e interesses dos estudantes. Além disso, o *Scholar* promove a interação de alunos que possuem origens e contextos diversos, diminuindo as desigualdades existentes nas práticas de letramento no âmbito escolar e suas avaliações. Nessa lógica, posto que os modos de construir significado estão em contínua alteração, pode-se dizer que os métodos de ensino de leitura e escritatambém precisaram ser reformulados e, felizmente, a plataforma se afasta da concepção básica do grafocentrismo e explora outros meios e modos tornar uma mensagem ou significado comum. Assim, o que está em jogo é a valorização da própria voz dos estudantes e suas formações críticas a partir de espaços de diversidade pura, como se verifica nas imagens a seguir.

Figuras 23, 24 e 25: Exemplos de comentários - *affordance*
"aprendizagem diferenciada"

A partir da leitura dos comentários de três alunos diferentes, nota-se que eles fazem correlações entre a teoria e situações

A pedagogia dos multiletamentos nos mostra como a educação deve acompanhar as mudanças da nossa sociedade tão diversa, para que esta contribua com a inserção dos alunos nessa comunidade, como cidadãos críticos.

Quando à aplicação dessa pedagogia, concordo com o que foi falado aqui sobre os desafios da falta de acesso, mas questiono por que grande parte das escolas que têm melhor condição de acesso às novas tecnologias, mesmo assim, não adotam a pedagogia dos multiletamentos. Além da desvalorização do professor, já falada aqui, destaco a força do modelo de letramento tradicional, concordando com o texto em relação à dificuldade de adesão dos professores e alunos à pedagogia dos multiletamentos. Repensá-lo significa desconstruir diversas concepções sobre educação e métodos bastante marcadas na sociedade, para dar espaço a modelos mais atuais. O modelo tradicional está tão enraizado na nossa educação que estar disposto a renovar, a modificar abordagens de ensino e a estudar as mudanças não é tão frequente quanto poderia ser.

O texto apresentado nesse post foi muito interessante, tanto por sua leitura em si quanto pela discussão feita em sala. O caráter atual do tema faz com que nós, alunos, nos sentíssemos próximos e várias questões surgiram. Entre elas, a que me pareceu mais relevante foi a forma como a exposição de um sujeito no modelo multidimensional dá, de maneira um tanto contraditória, espaço para a criação individual.

Foi comentado em sala, por exemplo, o youtube: ao passo que é uma rede social - a qual todos teriam acesso - os vídeos que conseguem mais visibilidade (e portanto mais influência) não dependem somente da qualidade do conteúdo, mas sim de elementos externos como patrocínios. Assim, com essas figuras populares emitindo suas opiniões, muitas vezes a qualidade factual da informação não é tão relevante.

Então, além de tentar integrar outras mídias e de adaptar as práticas de letramento ao contexto tecnológico atual também me parece importante questionarmos qual o efeito comportamental consequentes dessas mídias. Enquanto professores (a partir de um ponto de vista ainda distante) seria necessário dar atenção maneira como os alunos se relacionarão a essas mídias e seus patrocinadores - reforçando a necessidade escrita no post de formar o aluno como um indivíduo social crítico.

Nilo, concordo com você em relação à atualidade do texto. Acho que as reflexões que o Petrilson, como autor, realiza ao longo do artigo são de uma importância fundamental para que pensemos sobre a nossa futura prática docente, pois me parece que caminhamos cada vez mais para uma indissociabilidade entre tecnologia e educação, no sentido mesmo colocado pelo texto: vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, em que diversas culturas e linguagens entram em contato, e os significados se constroem de formas multimodais, de maneira que não faz sentido atermo-nos a práticas tradicionais de letramento quando vivemos em um mundo tão diferente, transformado pela tecnologia. A teoria do letramento crítico, amparada pela teoria crítica social de Freire, propõe um tipo de prática docente que eu espero ser capaz de adotar efetivamente diante de uma sala de aula...

cotidianas, promovendo, dessa forma, a construção de um aluno autônomo e agente em contínua relação com/nomundo.

Portanto, levando em consideração que a análise e desenvolvimento particular de cada *affordance* e que os processos de conhecimento promovem a reflexão por parte dos professores quanto às mobilizações epistêmicas que devem ser realizadas na sala de aula não só física, mas virtual, tais elementos e propiciamentos podem ser associados da seguinte maneira:

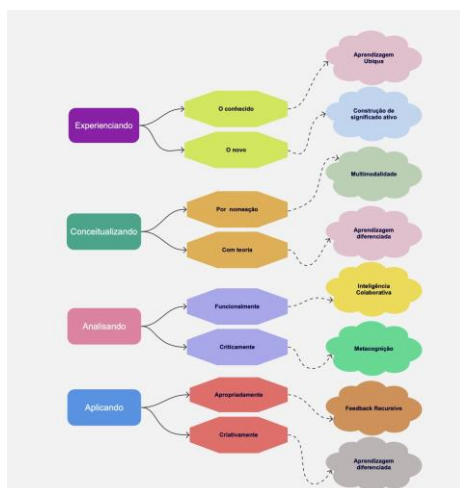


Figura 26: Associação entre *affordances* e processos de conhecimento (autoria própria)

Conclusão

Com base no que foi discutido, nota-se que o *Scholar* é uma plataforma *online* e moderna capaz de se relacionar com diferentes visões de mundo justamente por lidar com alunos variados inseridos nos mais diversos contextos, com diferentes saberes em seus bojos e, mais do que isso, dotados de múltiplas experiências. Há de se considerar, no entanto, que todos esses elementos são e devem fazer parte do processo de aprendizagem, atuando como recursos capazes de beneficiá-los, posto que os "*designs* disponíveis" representam experiências com as quais os alunos podem contribuir e valorizar.

Ademais, vale ressaltar que a plataforma vai contra a concepção "bancária da educação" proposta por Paulo Freire em 1974, na qual o professor, visto como o sujeito mais dotado de conhecimento no ensino tradicional, apenas vai depositando e transmitindo saberes aos alunos, mas a favor de um ensino crítico e reflexivo suficientemente competente para formar indivíduos em constante aprendizado de expressão e comunicação com outros sujeitos.

Dessarte, uma vez que o *site* destaca e apoia as múltiplas vozes de um ambiente tão diverso como a sala de aula física e virtual, as *affordances* revelam explicitamente as práticas

colaborativas de escrita, ainda mais quando esta é multimodal, promovendo, pois, um dos seus maiores objetivos: a construção de significados por meio da vivência, a qual é constituída de múltiplas práticas sociais e sujeitos diversificados, principalmente quanto à cultura, saberes, contextos e histórias.

Referências

- COPE, B., & Kalantzis. 'The Work of Writing in the Age of Its Digital Reproducibility, in Sandra Schamroth Abrams and Jennifer Rowsell (Eds.), *Rethinking Identity and Literacy Education in the 21st Century*, National Society for the Study of Education Yearbook, Vol.110,No.1, Teachers College Press, New York, 2011, pp.40-88.
- COPE, B., & Kalantzis. Towards a New Learning: The Scholar Social Knowledge Workspace, in *Theory and Practice. E-Learning and Digital Media*, 2013, 10(4), 332–356. <https://doi.org/10.2304/elea.2013.10.4.332>
- COPE, B., & Kalantzis. "Assessment and Pedagogy in the Era of Machine-Mediated Learning." In *Education as Social Construction: Contributions to Theory, Research, and Practice*. 1st ed., Vol.1., edited by T. Dragonas, K. J. Gergen, nd S. McNamee, 350–374. Chagrin Falls, OH: Worldshare Books, 2015.
- COPE, Bill, Mary Kalantzis, Sarah McCarthey, Colleen Vojak, and Sonia Kline. 'Technology-Mediated Writing Assessments: Paradigms and Principles' *Computers and Composition*, 2011.FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- COPE, Bill, Mary Kalantzis, Sarah McCarthey, Colleen Vojak, and Sonia Kline., *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. *Letramentos*. 1. ed. Campinas:Editora Unicamp, 2020. 408 p. ISBN 9786586253177.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Sampling the new in new literacies. In: C. LANKSHEAR; M. KNOBEL (eds.), *A new literacies sampler*. New York, Peter Lang, 2007. p. 1-24.
- M. KNOBEL., (Digital literacy and the law. Remixing Elements of Lawrence Lessig's ideal of "Free Culture". In: C. LANKSHEAR; M. KNOBEL (eds.), *Digital literacies: Concepts, Policies and Practices*. New York, Peter Lang, 2008. p. 282-303.
- PINHEIRO, P. *Práticas Colaborativas de Escrita Via Internet: Repensando a Produção Textual na Escola*. Londrina: Eduel, 2013.
- MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. *Português no ensino Médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 109-226.
- NEW LONDON GROUP. *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). *Multiliteracies – Literacy Learning and the Design of Social Futures*. New York: Routledge, 1996. p. 29-81.
- NOGUEIRA, Laís Zago. *Aprendizagem colaborativa e produção textual na plataforma virtual Mundoedu*. Orientador: Prof. Dr. Petrilson Alan Pinheiro da Silva. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018.
- O' Reilly, T. "What is Web 2.0?: Design patterns and business models for the next generation of software." 2005. Accessed April 26, 2021. <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>. VYGOTSKI, Lev S. *Obras Escogidas*. Traducción de Lydia Kuper. Madrid: A. Machado Libros, 2006. Tomo IV.